



Curso de Especialização
**Educação na
Cultura Digital**

Sociologia e senso comum





Caro(a) cursista,

Acreditamos que deve estar ficando claro que nosso objetivo aqui não é fazer uma definição aprofundada do que é a sociologia, ou mesmo de conceitos e epistemologias que se radicam na grande controvérsia das Ciências Sociais e da Sociologia desde sua fundação. O que propomos é, antes, um exercício de sensibilização. Trata-se de um convite a você, professora e professor de Sociologia no Ensino Médio, para conhecer melhor, com a ajuda de seus(suas) estudantes, o mundo social. Mediante o uso e a construção de ferramentas baseadas nas TDIC e, em particular, do canção-neiro popular, é possível a formulação de um olhar e de uma imaginação sociológicas. Para isso, propomos algumas reflexões que julgamos importantes sobre a diferença entre Sociologia e senso comum.

Como vimos no item anterior, há uma semelhança entre o interesse da Sociologia no estudo do mundo social e aquilo que normalmente entendemos como “senso comum”. Todavia, essa semelhança é aparente. Ela ocorre justamente pelo fato de que a rota de investigação da Sociologia cruza o mesmo caminho da “realidade” que todos nós vivenciamos.

Em outras áreas do conhecimento, as fronteiras entre a prática disciplinada e o senso comum são bastante nítidas. Pensemos, por exemplo, na





Física e na Biologia: elas não se preocupam em enunciar sua relação com o senso comum, porque, afinal, elas apostam na “descoberta” de novos mundos, de novos conhecimentos sobre a natureza, que se distanciam dos saberes comumente compartilhados na sociedade.

Também em várias ciências humanas essa diferença entre o senso comum e o saber científico é nítido. O(A) linguista pode ter interesse na descoberta de uma nova sintaxe falada por segmentos populacionais de uma grande cidade ou por povos tradicionais, isto é, por pessoas que não precisam dominar a linguística para usarem cotidianamente sua língua. O(A) historiador(a) pode encantar-se com os rituais de casamentos de sociedades antigas a despeito do fato de que também em nossa sociedade as pessoas casam-se, ainda que tais cerimoniais possam ser diferentes e motivados por sentidos diversos, isto é, com outros significados. O(A) economista pode querer explicar o funcionamento do mercado e as taxas de juros cotidianamente praticadas no nosso dia a dia, mas seu conhecimento sobre economia é de natureza muito diferente daquela do consumidor cotidiano.

O que queremos dizer com isso é que, para a Sociologia, a sintaxe falada pelas pessoas, os rituais de casamento de nossa própria sociedade, a compra e a venda de mercadorias no nosso dia a dia, em suma, tudo





aquilo que estamos acostumados a praticar cotidianamente, constituem seu **objeto** de estudo; assim como os próprios procedimentos científicos, incluindo os da Sociologia.

Nem é preciso dizer que tudo o que constitui o conjunto das ciências interfere diretamente em nossas vidas: o conhecimento da Física e da Botânica, por exemplo, baliza nossa relação com a natureza, com o ecossistema, e gera consequências diversas – da bomba atômica ao uso racional dos recursos naturais –; o conhecimento dos economistas pode garantir tanto uma melhor distribuição de renda e menor desigualdade social como a alteração no quantitativo de empregos e de renda, o aumento ou a diminuição da taxa de juros etc.; o conhecimento histórico do passado de nossas sociedades pode contribuir tanto para construir e reforçar identidades regionais ou nacionais como para induzir a mudanças políticas impactantes. Na maior parte das vezes, os saberes científicos acumulados das mais diversas áreas do conhecimento tornam-se vivenciados e sentidos cotidianamente e, portanto, parte integrante da nossa própria experiência, da nossa rotina. Em suma, constituem-se em “conhecimento prático orientado para os parâmetros sociais pelos quais interagimos” (BAUMANN; MAY, 2010, p. 19).

Ocorre, todavia, que aquilo que entendemos ser o “senso comum”, isto é, essa gama de conhecimentos tácitos – ricos, mas desordenados,





não sistemáticos, desarticulados –, permite-nos lidar com as situações do nosso dia a dia, mas, frequentemente, não é refletido em nossas rotinas. Ou seja, poucos são os momentos e as situações em que paramos para pensar sobre o significado daquilo que muitos de nós vivenciamos e/ou reproduzimos. Menos frequente ainda é compararmos nossa rotina com a de outras sociedades, comunidades e grupos sociais. Muitas vezes, creditamos alguns impasses que vivenciamos a questões pessoais, individuais ou, no máximo, familiares e julgamos o comportamento alheio a partir de escolhas morais tomadas sem conexão ou diálogo com “o outro”. Nesse sentido, em primeiro lugar, a Sociologia busca subordinar o senso comum a algumas regras cognitivas, procura exercer sobre as rotinas não pensadas uma espécie de controle ou, nas palavras de Bauman, estabelecer regras de uma “responsabilidade discursiva” que possa ser sempre aberta à verificação de outros(as) sociólogos(as).

Assim, a crença na credibilidade da ciência – no caso, da Sociologia – apoia-se na “esperança de que os cientistas tenham seguido as regras do discurso responsável” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 21).

Uma segunda questão que envolve a relação entre Sociologia e senso comum diz respeito ao tamanho do campo que pode ser explorado pela





Sociologia. Para a maioria de nós, esse campo resume-se à observação dos nossos próprios “mundos da vida”, isto é, das nossas interações cotidianas, dos motivos que damos para nossas ações ou presumimos para as ações dos(as) outros(as), essa atitude é, geralmente, parcial e unidimensional. Já a Sociologia **coloca em relação esses vários mundos**, essa multiplicidade de experiências. Enfim, transcende o “mundo vivido” individual ou grupalmente em busca de um sentido mais amplo, em que essa complexa rede de interdependências e interconexões possa ser revelada.

Uma terceira diferença entre senso comum e sociologia está no sentido que cada um de nós atribui à vida humana, isto é, à relação entre nossa trajetória individual e eventos e circunstâncias relacionados a ela. Tendemos a atribuir, muitas vezes, demasiada intencionalidade a situações que nos atingem diretamente: boa vontade de alguém para nosso sucesso, más intenções quando algo nos prejudica. Essa compreensão radica-se no pressuposto, de certa forma ingênuo, de que somos os(as) únicos(as) “autores(as)” de nossas próprias vidas. Na verdade, há uma rede de relações e de interdependências cujos resultados não intencionais e não previstos regem o conjunto de interações da vida humana. Nesse sentido, pensar





criticamente a relação entre indivíduo e sociedade é o pressuposto básico da Sociologia.

Em suma, a Sociologia busca abordar e desafiar o conhecimento compartilhado sobre nossas rotinas, em geral tidas como autoevidentes, inquestionáveis, fundadas numa crença de que elas são, por serem tão familiares, “naturais” e “imutáveis”. Nesse sentido, a Sociologia, sempre em diálogo com outras ciências humanas, propõe perguntas que têm o poder colocar em questão nossas certezas e convicções. Ela nos convida a desfamiliarizar o mundo vivido.



“Pensar sociologicamente é dar sentido à condição humana por meio de uma análise das numerosas teias de interdependência humana – aquelas mais árduas realidades a que nos referimos para explicar nossos motivos e os efeitos de suas ativações. [...] Quando aborda e desafia nosso conhecimento partilhado, a sociologia nos incita e encoraja a reaccessar nossas experiências, a descobrir novas possibilidades e a nos tornar, afinal, mais abertos e menos acomodados à ideia de que aprender sobre nós mesmos e os outros leva a um ponto final, em lugar de constituir um processo dinâmico e estimulante cujo objetivo é a maior compreensão. Pensar sociologicamente pode nos tornar mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, daí decorrendo sentidos afiados e olhos abertos para novos horizontes além das experiências imediatas, a fim de que possamos explorar condições humanas até então relativamente invisíveis. [...] A arte de pensar sociologicamente consiste em ampliar o alcance e a efetividade prática da liberdade. Quanto mais disso aprender, mais o indivíduo será flexível diante da opressão e do controle, e portanto menos sujeito a manipulação.”

(BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 25-26.)

Como citar este texto:

TRINDADE, Alexandro Dantas; ROCHA, Neli Gomes; OLIVEIRA, Luciana Paula da Silva de. Sociologia e Senso Comum. In: _____. **Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital: Aprendizagem de Sociologia no Ensino Médio e TDIC**. Brasília, DF: MEC, 2014

